

O que você sabe sobre mim? Eu brinco na rua sim!

Jorge Luiz de Oliveira Junior

EE Prof. Fernandes Soares

Este trabalho ocorreu em duas turmas de 1º ano do ensino fundamental na EE Prof. Fernandes Soares, localizada na zona leste de São Paulo, no distrito Jardim Helena em São Miguel Paulista, entre fevereiro e agosto de 2014. A escola funciona em três turnos que acolhem turmas do 1º ao 5ª anos e ensino médio. Apesar do estudo ter acontecido em duas turmas de forma bem parecida, relataremos aqui a experiência de uma delas.

De uma forma geral, o Projeto Político Pedagógico da escola nesse ano versou sobre o “reconhecimento da cultura da comunidade” e “combate aos preconceitos”. Devido à ocorrência da realização da copa do mundo de futebol no Brasil, a coordenação pedagógica propôs a execução de um “minicampeonato” de futebol entre as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, como também, a realização de atividades que diziam respeito ao evento (pintura da mascote e das bandeiras das equipes, breve conhecimento dos países participantes etc.), como forma de contemplar o assunto. Nosso trabalho fundamentou-se nas ideias apresentadas pelo PPP e caminhou na direção contrária ao projeto copa do mundo, que ocorreu no mesmo período. Cabe destacar que as professoras regentes das turmas nos apoiaram ao longo do percurso.

Além de dialogar com o PPP, outros motivos nos levaram à escolha desse estudo. Ao realizar um mapeamento inicial dos conhecimentos das alunas e alunos, observei que pensavam a aula de Educação Física como um momento de brincar. Isso talvez tenha sido influenciado pela etapa anterior de escolarização, porque não foram poucos os relatos das crianças que tratavam sobre as brincadeiras que haviam aprendido na escola com as professoras. Esse mapeamento abrangeu também os momentos de recreio, entrada e saída. Em um dos dias, ouvi de professoras que as crianças de hoje em dia não sabiam mais brincar, cabendo ao professor a tarefa de ensiná-las o jeito correto das brincadeiras e que as crianças não brincavam mais na rua como na época da infância das docentes. De certo modo, esses discursos produzem as crianças e a infância contemporânea como algo desinteressante, fazendo com que as crianças os incorporem em seus modos de pensar e viver.

Com base nesse cenário, realizei um mapeamento mais detalhado acerca dos conhecimentos referentes às brincadeiras que as crianças conheciam e/ou já haviam brincado. Anotei na lousa à medida que as crianças falavam o nome das brincadeiras, seu funcionamento, com quem e onde brincavam. Em uma dessas falas, um menino disse que brincava de futebol na rua. Isso provocou uma inquietação em algumas crianças da turma: *“mas não pode brincar na rua”*; *“a rua é um lugar onde as crianças não podem ficar, não é professor?”*. Nessa discussão, outras falas reagiram: *“eu brinco todo dia na minha rua com meus amigos”*; *“tenho vontade de brincar na rua, mas minha mãe não deixa”*. Diante dessas falas e dos discursos das docentes, decidimos tematizar as brincadeiras de rua e o discurso de adultos com relação às brincadeiras infantis.

Ao final dessa aula, propus uma atividade em que as alunas e alunos conversassem com seus familiares acerca das brincadeiras que faziam e conheciam quando eram crianças. Contando com o apoio da professora, elaboramos algumas questões em pequenos pedaços de folha sulfite e colamos nos cadernos das crianças. Na aula seguinte, ao fazer um levantamento das brincadeiras, percebemos que estas se pareciam com aquelas levantadas junto às crianças, quando não eram as mesmas brincadeiras. Pretendíamos com essa situação didática comparar as brincadeiras que os familiares faziam e conheciam com aquelas das crianças, visando discutir, ao longo do estudo, o discurso adulto de que as crianças de hoje em dia não sabem mais brincar e que não brincam mais na rua.

Desse modo, o trabalho buscou fazer com que as crianças socializassem, vivenciassem e ressignificassem as brincadeiras de rua conhecidas por elas próprias e pelos seus familiares. Não nos prendemos em verificar se tais brincadeiras eram de rua ou não, mas sim, nos atentamos a discutir como ocorre a vivência das brincadeiras das crianças hoje em dia considerando suas próprias narrativas. Além disso, devido ao incômodo causado pelas falas das professoras acerca das brincadeiras da cultura infantil, também pretendemos analisar criticamente os discursos que cercam e produzem o universo cultural infantil.

O registro do trabalho foi feito por mim em um caderno específico. A cada aula, escrevia os principais acontecimentos e algumas falas dos alunos e alunas, que serviram para avaliar o estudo, retomar as ideias e reorientar o caminho planejado.

As brincadeiras de rua mapeadas foram pega-pega e suas variações (fruta, vela e corrente), duro-mole e sua variação (americano), esconde-esconde, polícia-ladrão, brincadeiras com corda (cabo de guerra, cobrinha, suco gelado, um homem bateu em

minha porta, pular corda, abaixa-abaixa, aumenta-aumenta), amarelinha, mãe/dono da rua, mãe da mula, ciranda, elástico, passa anel, cabra cega, bolinha de gude, voleibol, futebol, garrafão, bobinho, skate e corrida.

Ao longo do estudo, a dinâmica das aulas ocorreu da seguinte maneira: a cada aula escolhíamos uma das brincadeiras mapeadas e convidávamos a(s) criança(s) que a havia(m) sugerido para que explicasse(m) à turma o seu funcionamento e os materiais que seriam utilizados. Ao final da explicação, meninos e meninas poderiam tirar dúvidas e sugerir outras formas de jogar a mesma brincadeira, de acordo com suas experiências. Passada essa etapa, a vivenciávamos na quadra, considerando as ressignificações produzidas pelo grupo de acordo com suas necessidades. Ao longo das aulas, retomávamos a discussão acerca do local de ocorrência dessas brincadeiras: a rua.



De uma maneira geral, em algumas aulas, as brincadeiras socializadas e vivenciadas nos direcionaram a problematizações e discussões mais intensas, devido aos seus acontecimentos, enquanto que em outras, os debates coletivos giraram em torno de possíveis ressignificações, ampliações e aprofundamentos àquelas brincadeiras em questão.

Em uma aula, decidimos pela brincadeira de amarelinha. Após as explicações iniciais de duas meninas, formamos pequenos grupos e as crianças desenharam as suas amarelinhas no chão com giz. Um dos grupos desenhou uma amarelinha que continha a palavra “céu” de um lado e o símbolo de um tridente no outro. Questionei aquele grupo o que significava aquele desenho e as crianças se recusavam falar. Depois de tanta insistência minha, um menino falou que era o “tridente do diabo”. Nesse instante, as outras crianças o repreenderam dizendo que essa palavra não poderia ser falada.

Essa situação nos levou a problematizar os desenhos daquela amarelinha na outra aula. Conversamos brevemente sobre aquele símbolo e algumas demonstraram

posicionamentos religiosos contra aquele símbolo. Então, discutimos sobre a existência de diferentes tipos de religião e que também há sujeitos na sociedade que não possuem nenhuma crença. De certa forma, isso nos direcionou para uma conversa acerca do quanto a religião nos influencia em nossos modos de vida e de pensamento e do quanto desqualificamos diferentes religiões antes de conhecê-las. Essa discussão foi rápida, mas intensa no sentido de provocar a ampliação dos conhecimentos e atribuição de outros significados para coisas que parecem estar cristalizadas.

Passadas algumas aulas, em outro dia escolhemos a brincadeira mãe da mula. O aluno Wellington¹ foi convidado para socializá-la à turma. No momento da vivência, ele assumiu a aula, explicou os significados dos termos “esmaga tomate”, “bife/batata/cenoura”, “unha de gavião”, “saco de arroz” e “levar a mula para beber água” e demonstrou aos colegas como esse jogo funciona. Isso fez com que a turma aprofundasse os saberes da brincadeira. Ao final da aula, um aluno me procurou para falar que não havia gostado daquele jogo, porque não havia “brincado”, já que ele estava na posição de mula. Reuni a turma e pedi que ele falasse para todas as alunas e alunos os motivos para tal postura. Então, o Wellington explicou à turma que, quem fica na posição da mula, nessa brincadeira, sofre as consequências e que deve suportá-las, até o momento em que outra mula seja escolhida.

Na aula seguinte, aproveitando a discussão anterior da brincadeira mãe da mula, conversamos sobre as características que as brincadeiras carregam. A maioria das brincadeiras (se não todas), por serem jogos, envolve a disputa e o desafio entre os participantes. Quem está na disputa sabe que, a qualquer momento, a situação do jogo pode ser invertida e é exatamente essa possibilidade que faz com que os sujeitos participem do jogo. Ilustramos nosso pensamento com a experiência da brincadeira de mãe da mula. Nesse jogo, quem fica na posição de mula está “perdendo” no jogo e por isso sofrerá as consequências. Cabe a essa pessoa reverter o resultado da brincadeira, tornando-se a “mãe” da mula. Ao final, expliquei para as crianças que as brincadeiras só existem e se caracterizam como tal por causa desses significados. Qualquer outro tipo de brincadeira, que por alguns motivos tenha sido depurada desses sentidos, torna-se outra coisa.

Após a socialização e vivências de algumas brincadeiras listadas, em outra aula decidimos pela brincadeira de ciranda, que foi explicada por duas meninas. Na vivência,

¹ Os nomes dos alunos e das pessoas envolvidas no estudo são fictícios, exceto o do professor e da unidade escolar.

as crianças formaram dois grupos menores com meninos e meninas misturados. No momento seguinte, as duas rodas já estavam separadas entre meninas e meninos. Observei que a ciranda das meninas tinha cantoria e passos ritmados. Já a ciranda dos meninos envolvia força, rapidez no giro e queda.

Então, na outra aula conversamos sobre o que havia observado nas duas cirandas. Algumas meninas disseram que se separaram dos meninos porque eles não sabiam brincar de ciranda e que ficavam puxando e empurrando. Os meninos falaram que a ciranda das meninas estava sem graça, porque elas só ficavam dançando e cantando. Nesse instante, problematizamos esses discursos no sentido de expor alguns fatos que fazem com que meninas gostem de brincar de um jeito enquanto meninos preferem brincar de outro. Expliquei à turma que as meninas preferem algumas brincadeiras porque elas são produzidas em torno de certos discursos de delicadeza, cuidado e organização, ou seja, são levadas a brincar de dançar, cuidar da casinha e da boneca etc. Já os meninos são produzidos em torno de discursos de força e rapidez e por isso são direcionados a brincadeiras que precisam correr, medir forças etc.

Além de falarmos sobre as brincadeiras, aproveitamos também para trazer exemplos do dia a dia que fazem com que as pessoas sejam caracterizadas como homem e mulher, como por exemplo, são os meninos da sala que ajudam a professora a carregar o material e são as meninas da turma que ajudam na organização e na distribuição de atividades para a turma. Com essa conversa, as crianças foram convocadas a pensarem o quão complexo são essas relações. No final, percebemos que não existem brincadeiras próprias de meninas e meninos, mas sim, uma construção de significados em torno das brincadeiras.

Optamos pela brincadeira de elástico na aula seguinte. De acordo com o combinado, duas alunas foram explicar a brincadeira à turma, porém não conseguiram devido ao fato dessa brincadeira ter uma sequência de gestos. Então, recorremos ao auxílio de três alunas do 3º ano que sabiam brincar. Elas foram escolhidas porque, no mapeamento que realizei, observei que brincavam de elástico na hora do recreio.

Na quadra, as alunas explicaram às meninas e meninos o funcionamento dessa brincadeira e demonstraram a sequência de gestos “chocolate”, “moranguinho” e “raspadinha”. Após essa etapa, formamos pequenos grupos e distribuímos elásticos para cada um. As alunas do 3º ano intervíram nos grupos, deram dicas e ensinaram os gestos, causando o aprofundamento dos saberes da brincadeira de elástico. Elas cumpriram muito bem com a tarefa de ensinar sua brincadeira para as crianças menores.



A cada nova brincadeira socializada e vivenciada pelas turmas, buscávamos associá-las às brincadeiras que os familiares faziam quando eram crianças. Senti que naquele momento um adulto com mais experiência de vida poderia contribuir com o nosso estudo, explicando alguma brincadeira de sua época de infância. Assim, conversei com o inspetor de alunos sobre essa possibilidade de participação e ele aceitou a ideia.

Na aula seguinte, ao conversar com as turmas sobre o convite que havia feito ao inspetor, as crianças prontamente reagiram contra. Falaram que ele não permitia que elas brincassem no recreio e que chamava muito a atenção delas. Diante dessas falas, cancelei a participação dele na aula.

Isso não nos desanimou para seguir com a tarefa. Conversei com a Dona Silvia, funcionária da limpeza, sobre a atividade e ela demonstrou muito interesse em participar. Ao conversar com as crianças, na aula seguinte, mencionei a visita da Dona Silvia e para a minha surpresa, a maioria das crianças não sabiam quem era ela.

No dia da sua participação, Dona Silvia se apresentou, falou um pouco sobre o seu trabalho na escola e contou a respeito das brincadeiras na época de infância. No espaço externo à quadra, Dona Silvia explicou e demonstrou algumas brincadeiras de corda: “um homem bateu em minha porta”, “suco gelado” e “salada saladinha”. Algumas crianças passaram a conhecer essas brincadeiras com as explicações da Dona Silva, enquanto outras, que já conheciam, aprenderam outras formas de jogar essas mesmas brincadeiras. Assim, ampliaram e aprofundaram os conhecimentos referentes às brincadeiras de corda.

Passado um tempo da sua participação, conversei com Dona Silvia sobre suas impressões daquele momento. Ela relatou que, depois daquele dia, algumas crianças passaram a cumprimentá-la diariamente e outras pediam que ela explicasse outras brincadeiras. Destaco aqui que foi muito importante a participação dela na aula porque as

crianças passaram a reconhecê-la como uma pessoa detentora de muito conhecimento do universo infantil e que, até então, estava invisível naquele ambiente.

Em outro dia, antes da nossa aula, me deparei com as crianças na sala de vídeo assistindo o filme da “Branca de Neve e os sete anões²”. Ao conversar com a professora acerca da atividade, ela disse que as crianças gostam de assistir vídeos de desenho animado porque elas só prestam atenção neles. Então, a fim de ultrapassar essa fronteira, pensei em uma atividade que consistia em colocar a turma numa situação de análise de vídeos de entrevistas. Conversei com as meninas e meninos sobre a atividade e combinamos de realizá-la.

Entre essa aula e a seguinte, entrevistei dois homens e uma mulher que colegas de trabalho da outra escola que atuo. Relataram suas opiniões acerca das brincadeiras de sua época, como também das brincadeiras das crianças atualmente. De um modo geral, a primeira pessoa afirmou que as crianças de hoje em dia brincam na rua, talvez não com as mesmas brincadeiras de épocas passadas porque foram se transformando ao passar dos tempos. A segunda pessoa entrevistada disse que brincava muito na rua em sua época de infância e que hoje, as crianças não brincam tanto na rua por causa da falta de segurança, mas que ela ainda vê as crianças brincarem. O terceiro entrevistado afirmou, em sua entrevista, que as crianças da atual época não sabem brincar, não brincam na rua e, com um discurso aparentemente saudosista, disse que na época de sua infância é que era bom, pois naquele tempo as crianças brincavam realmente.

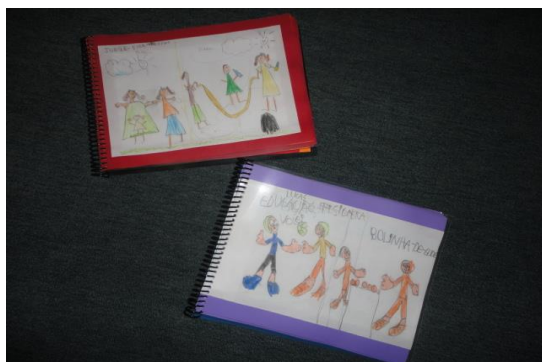
No dia combinado, assistimos às entrevistas na sala de vídeo. Ao término da atividade, o aluno Vitor, muito incomodado com as respostas do último entrevistado, se levantou da cadeira e disse que não gostou da opinião dele, afirmando que o homem não o conhecia para poder falar que as crianças de hoje não sabiam brincar. Vitor também falou que, por ter dado aquela opinião, achava que o entrevistado não andava pelas ruas. Aparentemente, a maioria da turma concordou com o Vitor. Com o final da aula se aproximando, sugeri à turma que elaborássemos uma carta ao entrevistado, rebatendo as suas colocações.

² Filme produzido pela *Walt Disney*.



Na aula seguinte, Tatiane e Isadora foram escolhidas pela turma para registrarem, numa folha, as respostas de algumas crianças. À medida que as crianças falaram, ambas registraram alternadamente. De uma forma geral, as respostas das crianças afirmavam que o entrevistado estava enganado com sua fala porque elas brincavam na rua de diferentes brincadeiras e com variados amigos, familiares e vizinhos. Comprometi-me junto à turma a encaminhar a carta ao entrevistado para sua apreciação. E assim foi feito.

Ao final do nosso estudo, além da carta, também produzimos registros em formato de desenho sobre as brincadeiras estudadas ao longo do trabalho. Cada criança registrou numa metade de folha sulfite as brincadeiras que mais gostaram de ter aprendido e vivenciado. Com esses registros em mãos, os reuni e formei um pequeno livro da turma.



Por fim, estamos certos de que esse estudo, de certa maneira, contribuiu para que as crianças ampliassem suas representações acerca das brincadeiras de rua e de como os discursos atuam na produção dos significados da cultura infantil. Isso porque elas foram convocadas a participarem de diferentes situações didáticas onde problematizaram, aprofundaram, ampliaram e ressignificaram os conhecimentos concernentes às brincadeiras de rua.